

RAY BRADBURY

FAHRENHEIT 451



451°F:

TEMPERATURA A QUE O PAPEL DOS
LIVROS ATINGE O PONTO DE IGNIÇÃO
E É CONSUMIDO PELO FOGO.



**DEDICO ESTE LIVRO,
COM GRATIDÃO,
A DON CONGDON**



PREFÁCIO

Jaime Nogueira Pinto - 13

UM

A LAREIRA E A SALAMANDRA - 21

DOIS

A PENEIRA E A AREIA - 99

TRÊS

FOGO VIVO - 149

POSFÁCIO

João Seixas - 209

BIBLIOGRAFIA

231



Se te derem papel pautado, escreve do outro lado

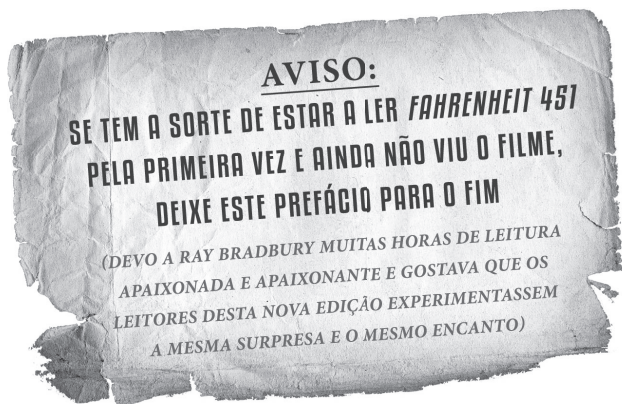
JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

P R E F Á C I O

FAHRENHEIT 451

POR JAIME NOGUEIRA PINTO

(O autor escreve de acordo com a grafia anterior)



A *Sexta Coluna* de Robert Heinlein foi o primeiro livro de ficção científica que li. Fiquei fascinado com a trama: era uma invasão e ocupação dos Estados Unidos por uns tais “Panasiáticos” (havia uma história em quadradinhos do Blake e Mortimer, de E.P. Jacobs, *O Segredo do Espadão*, que tratava do mesmo tema). Depois, a resistência norte-americana acabava por vencer os ocupantes, recorrendo a uma organização político-religiosa originalíssima. O livro era de 1941 e a tradução era o n.º 20 da colecção *Argonauta*, que António Souza Pinto, da Livros do Brasil, começou a lançar em 1953. Livros em formato pequeno mas de grande qualidade, com capistas como Cândido Costa Pinto e Lima de Freitas.

Graças ao pai de um amigo, que tinha toda a colecção e ma foi emprestando por ordem de saída, li os volumes todos até então publicados. Depois, tornei-me um fidelíssimo comprador e leitor da *Argonauta*, onde fui descobrindo os mundos de Isaac Asimov, A. E. Van Vogt, Clifford D. Simak, Brian Aldiss, Ray Bradbury.

Li o *Fahrenheit 451* — o n.º 33 — depois de ter lido *O Mundo Marciano* (tradução de *The Martian Chronicles*) e *O Homem Ilustrado*, duas colectâneas de contos de Bradbury. Devo-o ter lido no Verão de 1958, dois anos depois de ter saído em Portugal. Nesse tempo, as minhas leituras tinham passado da colecção *Salgari*, com *Sandokan, o Tigre da Malásia*, para a colecção *De Capa e Espada* das Edições Romano Torres, onde me ia familiarizando com Ponson du Terrail (*Os Quatro Cavaleiros da Noite, Um Trono por Amor, O Pagem do Rei, As Luvas Envenenadas*) e com Paul Féval, criador do Lagardère. Também já tinha lido, nas mesmas edições Romano Torres, o Walter Scott em português.

Fahrenheit 451 era já um romance, uma coisa mais séria, uma história completa; a história de uma sociedade futura de onde os livros tinham sido banidos e onde os bombeiros já não apagavam fogos — as casas eram de materiais não inflamáveis —, só queimavam livros. *Fahrenheit 451* (233 graus Celsius) era a temperatura a que ardiam os livros.

Para viciados na leitura, que continuam a gostar de ler e de ter livros — livros de todos os géneros, das novidades aos clássicos, livros com folhas, letras impressas, capas, encadernações, edições modernas e antigas (tenho algumas primeiras edições do Camilo Castelo Branco, compradas no Brasil) —, esta destruição dos livros é equivalente a um Apocalipse.

Quando saiu nos Estados Unidos, em 1953, *Fahrenheit 451*

foi lido como um manifesto contra a censura, como um panfleto contra todas as inquisições. Estaline tinha morrido nesse ano, a memória de Hitler ainda estava bem viva e o macartismo tomava a América de assalto.

Hoje percebemos melhor o seu significado mais fundo, ou percebemos o livro à distância, de maneira diferente, e talvez mais interessante civilizacionalmente. Até porque é na nossa distância que as sombras de *Fahrenheit 451* parecem incidir com maior crueza, como se vivêssemos agora o futuro adivinhado no livro. O próprio Bradbury insistia que o livro não era “uma resposta ao senador Joseph McCarthy” nem era sobre a “censura estatal”, mas sobre o modo como a televisão estava a destruir “o nosso interesse pela leitura e pela literatura” e a “transformar as pessoas em imbecis” (“*It is about people being turned into morons by TV*”).

Assim, em *Fahrenheit 451*, queimam-se livros porque os livros são perigosos e levam a pensar e a julgar criticamente, encerrando um passado que pode denunciar, empalidecer ou pôr em causa o presente e sugerir outro futuro. No livro, os que deixaram de ler livros — como a vaporosa Mildred, mulher do protagonista — estão alienados pela televisão e por uma espécie de redes sociais tridimensionais que lhes fornecem famílias fictícias e lhes preenchem o dia-a-dia com companhias virtuais. Mildred é uma das muitas “toxicodependentes” das fábulas radiotelevisivas que enformam a cultura oficial.

Ao entrar hoje no mundo das redes sociais e ao assistir de relance a alguns *shows* populares de duvidosa ética e estética, percebemos que a visão de Bradbury transcende o piedoso e sempre correcto comentário anticensura para penetrar incisivamente no coração do futuro — o nosso presente.

Quando o herói, Guy Montag, regressa a casa, ao seu bair-

ro, a comunidade dos vizinhos, telespectadores obcecados, lembra-lhe um cemitério ou um mausoléu silencioso, imerso numa escuridão só quebrada pelos “fantasmas cinzentos” dos ecrãs que se projectam nas paredes.

Este aparente pessimismo tecnológico do autor, a ideia de que as máquinas vão domesticando e escravizando as pessoas, a visão do homem criador dominado pelas máquinas-criaturas, surge também em *The Pedestrian*, um conto em que o protagonista, Leonard Mead, é detido pelo crime de passear a pé e de não ter televisão. No conto aparecem automóveis sem condutor, e é um desses automóveis pensantes que prende Mead e o leva para um manicómio por delinquência. No entanto, para Bradbury, as máquinas, os *robots* (tal com os livros) são meras extensões das pessoas, meros repositórios do que os homens neles vão injectando e projectando, e dependem do uso, bom ou mau (e bom e mau), que se lhes for dando. Assim, a temer alguma coisa, são as pessoas, e não as máquinas, que devemos temer. É por isso que o autor de *Fahrenheit 451* abraça a missão de as humanizar ou de preservar a humanidade das pessoas, através do bom uso dos artefactos humanos (livros, filmes, *robots*) e com todas as suas capacidades — cabeça, mãos e coração (“*I am afraid of people, people, people. I want them to remain human. I can help keep them human with the wise and lovely use of books, films, robots, and my own mind, hands, and heart*”, escrevia em carta de 1974).

Mais do que um escritor de ficção científica — que também o é —, Bradbury é um grande escritor do fantástico. Para ele, a ficção científica está ligada à antecipação de uma coisa, de um objecto ou de um mecanismo, que ainda não existe mas que vai aparecer e mudar tudo para toda a gente; enquanto o fantástico, mais directamente relacionado com a imagi-

nação, se estabelece como indirecta base de inspiração para os construtores das coisas futuras.

A sua imaginação é uma imaginação poética, literária, de autodidacta devoto de bibliotecas. Em «Take Me Home», o texto autobiográfico publicado na *New Yorker* por ocasião da sua morte, Bradbury descreve-se como um miúdo com uma enorme capacidade de se maravilhar. Em Waukegan, Illinois, sentado na relva de casa dos avós, o pequeno Ray repetia para quem o quisesse ouvir as histórias do Tarzan, de Harold Foster, e do John Carter de Marte, de Edgar Rice Burroughs, que decorava para que nunca se perdessem. Era também dali que, no 4 de Julho, lançava com o avô balões iluminados que se perdiam na noite de Verão, levados pelo ar crepitante, que os tornava leves. Queria voar e perder-se noutros mundos, e as luzes vermelhas de Marte que antevia no céu estrelado da infância eram a sua casa.

Ray nunca deixaria totalmente de ser esse miúdo, perdido nas noites estivais da América profunda, maravilhado com as coisas e obcecado pelas ilustrações dos suplementos de Domingo; um miúdo que acabaria por entrar para a lista “dos maiores escritores de ficção científica do século xx, ao lado de Isaac Asimov, Arthur C. Clark, Robert A. Heinlein e Stanislaw Lem” (como escreveria Gerald Jones no *NYT*, no dia 6 de Junho de 2012, quando da sua morte). Os seus livros venderiam milhões de exemplares em 36 línguas e seriam decisivos para nobilitar, como literatura, os géneros do Fantástico e da *Syfy*.

Fahrenheit 451 é uma saga num mundo distópico. Bradbury tem uma relação ambígua com o futuro, que o atrai e o repele, que o seduz e assusta, e a história de *Fahrenheit 451* situa-se nessa fronteira, algures entre os seus encantos — os livros, a natureza, a conversa, o silêncio, a América profunda,

porta para outros mundos — e os seus temores — o mau uso das máquinas, a tirania da mudança pela mudança, o deslumbramento acríptico perante a inovação, o desprezo pelo passado, a manipulação.

A história é, como todas as grandes histórias, a história de uma viagem e de uma conversão. Guy Montag é bombeiro, um incinerador, um exterminador de livros que, às ordens do capitão Beatty, vai queimando livros e prendendo os seus possuidores como inimigos do Estado e do bem público. Tal como S. Paulo antes da conversão, Montag faz parte da máquina de repressão e perseguição, mas não é Cristo que lhe aparece na Estrada de Damasco: é uma jovem de 17 anos, Clarisse McClellan, que o interpela sobre a sua profissão, que lhe pergunta porque queima livros e que lhe revela que, antigamente, os bombeiros, em vez de queimarem o que quer que fosse, apagavam fogos. Uma noite, Montag lê *Dover Beach*, de Matthew Arnold, que retirara de uma queima e que guardava em segredo. Arnold lamenta a perda de Verdade, de Fé e de Humanidade, numa Inglaterra em industrialização... A partir daí, Montag torna-se um dissidente, um marginal.

E no mundo de *Fahrenheit 451* a dissidência paga-se cara. Entre as sofisticadas tecnologias de perseguição e destruição está o tenebroso *The Hound*, um grande cão mecânico de oito patas que detecta e aniquila os dissidentes. Montag consegue escapar, mas a reportagem televisiva da perseguição, supostamente fidedigna e em tempo real, é forjada e manipulada para fins políticos, simulando a sua captura e apresentando-a como um sucesso do sistema e um castigo exemplar.

Em 1966, François Truffaut realizou na Grã-Bretanha um filme a partir de *Fahrenheit 451*. Oskar Werner era Montag, Julie Christie fazia de Clarice e de Mildred, e Cyril Cusak

era o chefe dos bombeiros. No final, na terra dos dissidentes, na terra dos “homens-livro”, cada um dos refugiados tinha decorado um livro e *era* esse livro. *A República* de Platão, *O Príncipe* de Maquiavel, *Vie d’Henri Brulard* de Stendhal, *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, *The Pickwick Papers* de Dickens e *The Martian Chronicles* do próprio Bradbury, numa homenagem de Truffaut ao autor, eram, no filme, alguns dos livros decorados pelos “vagabundos por fora e bibliotecas por dentro” que vagueavam pelos campos, fugindo e reagindo à destruição da história e da memória.

Tal como os outros homens-livro, Montag não tem certezas quanto ao potencial salvífico daquilo que “carrega na cabeça”, a possibilidade de os livros memorizados poderem garantir “futuros amanheceres radiosos, de luz pura” é remota ou é, pelo menos, incerta. Mas ele, que vai ser o livro do *Eclesiastes* e que sabe que há um tempo para tudo, acha que, mesmo assim, vale o risco — e resolve corrê-lo com a comunidade em diáspora que o adota. E quando pensa nas palavras que quer guardar para a chegada triunfal dos marginais à cidade, é nas promessas do livro do *Apocalipse* que pensa: a árvore da vida nas margens do rio com as suas doze colheitas; e nas suas folhas e no seu fruto a cura dos homens e a redenção das nações.

Fahrenheit 451, tal como a Fénix e a humanidade, parece nunca perder a capacidade de renascer das próprias cinzas depois de periódicas condenações ao esquecimento: mais de meio século depois da adaptação de Truffaut, a HBO está a produzir uma nova versão do livro, dirigida por Rasmin Bahrani. Desta vez, Montag é encarnado pelo afro-americano Michael B. Jordan, Clarice é a franco-argelina Sofia Boutella, Mildred é Laura Harris e Beatty é Michael Shannon.

Bradbury inspirou inúmeras adaptações e guiões, desde

It Came from Outer Space (1953) a *The Halloween Tree* (1993) e a *Sound of Thunder* (2005). Escreveu guiões de filmes e de series de televisão.

Devo-lhe muitas horas de leitura apaixonada e apaixonante. Espero que, passados estes anos todos, os leitores desta nova edição tenham a mesma surpresa e o mesmo encanto.



A LAREIRA E A SALAMANDRA



ERA UM PRAZER PÔR FOGO ÀS COISAS.

Era um prazer especial vê-las a serem devoradas, enegrecidas e *transformadas*. Com o bocal de latão da mangueira bem firme nos punhos, com aquela enorme pitão que cuspia veneno cheio de querosene sobre o mundo, sentia que o sangue lhe latejava na cabeça, e que as suas eram as mãos de um genial maestro de orquestra a dirigir todas as sinfonias de chamas e de fogo que consumissem os últimos farrapos e as ruínas carbonizadas da História. Com a impassível cabeça adornada pelo capacete simbolicamente numerado 451, e os olhos tingidos de um laranja ígneo pela antecipação do que se seguiria, acionou o ignitor e a casa elevou-se no ar, envolta numa bola de fogo que manchou o céu da noite com tons de vermelho, amarelo e negro. Caminhou envolto num enxame de vaga-lumes. Como naquela velha piada, apetecia-lhe espetar uma maçã caramelizada num pau e assá-la um pouco naquela fornalha, enquanto

os livros esvoaçavam como pombos e iam morrer no alpendre e no relvado da casa. Enquanto os livros se consumiam num turbilhão ascendente e faiscante e eram empurrados por um vento tornado negro pelo incêndio.

Montag exibiu o sorriso cruel de todos os homens habituados às carícias das chamas.

Sabia que, quando voltasse ao quartel, iria sorrir de novo ao olhar-se no espelho, ao ver aquele rosto enegrecido como o dos antigos cantores de variedades que usavam cortiça queimada para escurecerem a face. Mais tarde, ao adormecer no escuro, sentiria que o sorriso cruel ainda lhe controlava os músculos do rosto. Nunca se extinguia, aquele sorriso, e desde que se lembrava sempre assim fora.

TIROU O CAPACETE NEGRO E LUZIDIO COMO A CARAPAÇA DE um escaravelho e pôs-se a poli-lo. Pendurou cuidadosamente o casaco à prova de fogo. Entregou-se ao prazer de um generoso duche, e depois, a assobiar, com as mãos nos bolsos, caminhou ao longo do andar superior do quartel e deixou-se cair pelo buraco. No último momento, quando o desastre parecia iminente, tirou as mãos dos bolsos e travou a queda agarrando-se ao varão metálico dourado. Deslizou por este abaixo, numa chiadeira que parou quando os seus tacões chegaram a um par de centímetros acima do chão de cimento.

Saiu do quartel para a rua sob o céu noturno em direção ao metro, cujas carruagens, movidas a ar comprimido, deslizavam silenciosamente através do túnel escavado na terra e, emitindo um bafo de ar quente, o deixavam no patamar de azulejos de cor creme da escada rolante que ascendia até ao subúrbio.

A assobiar, deixou que a escada o levasse suavemente de

volta ao ar da noite. Caminhou em direção à esquina, com a cabeça vazia de quaisquer pensamentos. Antes de lá chegar, porém, abrandou o passo, como se um vento se tivesse levantado de repente, como se alguém tivesse chamado o seu nome.

Nas noites anteriores tivera uma sensação estranha naquela parte do passeio que fazia a esquina, mesmo antes da reta que o levaria a casa à luz das estrelas. Sentira, no momento imediatamente anterior a dobrar a esquina, que estava ali alguém. O ar parecia carregado de uma calma especial, como se alguém tivesse estado ali à espera, serenamente, e, um segundo antes de ele aparecer, se tivesse transformado numa sombra para o deixar passar. Talvez o seu olfato detetasse um ligeiro perfume, talvez a pele das costas das suas mãos ou do seu rosto sentissem a subida da temperatura naquele preciso ponto em que a presença de uma pessoa pudesse tê-la aumentado alguns graus durante um momento. Era algo incompreensível. De cada vez que dobrava a esquina, via apenas a superfície branca do passeio, ainda que, certa noite, lhe pareceu ver algo a escapular-se rapidamente através de um relvado, antes que pudesse focar a visão ou dizer alguma coisa.

Mas nessa noite decidiu abrandar o passo até quase parar. A sua mente, que se-lhe antecipara a dobrar a esquina, ouviu um mínimo sussurro. Alguém a respirar? Ou era apenas a compressão da atmosfera pela simples presença de alguém ali, muito quieto, à espera?

Dobrou a esquina.

As folhas outonais moviam-se ao longo do passeio banhado pelo luar de uma forma tal que parecia que a rapariga que se dirigia para ele estava parada, fixa a uma passadeira deslizante, sendo o seu movimento não mais do que uma ilusão causada pelo vento e as ondulações das folhas. A sua

cabeça estava meio apontada ao chão, observando os pés a sacudirem as folhas que a rodeavam. Tinha um rosto magro e branco como leite, que exibia uma espécie de voracidade gentil, uma curiosidade incansável que abarcava tudo. O seu era um olhar de quase surpresa pálida, com uns olhos negros tão fixos no mundo à sua frente que nada do que se passasse nestes lhes escapava. O seu vestido era branco e sussurrava. Quase lhe pareceu ouvir o movimento das mãos dela a caminhar, e aquele som, agora infinitamente baixo, o do seu rosto a virar-se quando descobriu que estava a um segundo de encarar um homem que esperava ali e ocupava o centro do passeio.

Das copas das árvores vinha um som maravilhoso de chuva miudinha. A rapariga parou e deu a impressão de estar prestes a recuar pelo efeito da surpresa, mas, em vez disso, ficou ali a fitar Montag com uns olhos tão escuros, brilhantes e vivos que ele sentiu que acabara de dizer algo de genial. Mas sabia perfeitamente que a sua boca apenas se abrira para a cumprimentar. Quando ela pareceu ficar hipnotizada pela salamandra no seu braço e pelo disco com a fénix que trazia ao peito, ele decidiu falar mais um pouco.

— Pois, é a nossa nova vizinha, não é?

— E o senhor deve ser... o bombeiro — disse ela, numa voz que se foi apagando, levantando o olhar dos distintivos dele.

— Di-lo de uma forma muito estranha...

— Eu... Eu tê-lo-ia sabido mesmo de olhos fechados — retorquiu ela, lentamente.

— Porquê? Pelo cheiro a querosene? A minha mulher estava sempre a queixar-se — disse, a rir. — Nunca se consegue tirar o cheiro completamente, por mais banhos que se tome.

— Pois não — disse ela, com um ar reverencial.

Ele sentiu que a rapariga caminhava em círculos à sua

volta, que o virava do avesso, sacudindo-o suavemente, e que lhe esvaziava os bolsos, tudo sem sequer se mexer.

— O querosene — continuou ele, porque o silêncio se prolongara — é como uma espécie de perfume para mim.

— A sério?

— Claro. E porque não haveria de ser?

Ela pensou um pouco.

— Não sei — acabou por dizer, virando o rosto na direção do passeio que levava às suas casas. — Importa-se que o acompanhe? Chamo-me Clarisse McClellan.

— Olá, Clarisse. Sou o Guy Montag. Venha daí. O que faz aqui a estas horas? Que idade tem?

Caminharam embalados pela brisa amena da noite ao longo do passeio prateado, e no ar sentia-se um leve aroma a damascos e morangos frescos, o que o fez olhar em volta antes de concluir que isso era impossível naquela altura do ano.

Agora apenas via a rapariga a caminhar ao seu lado, com o rosto iluminado pelo luar e tão pálido e brilhante como neve, e sabia que ela estava a pensar profundamente nas perguntas dele, à procura das melhores respostas que pudesse arranjar.

— Bem, tenho dezassete anos e sou louca. O meu tio diz que uma coisa e a outra andam de mãos dadas. Diz-me para dizer sempre que tenho dezassete e que sou louca quando me perguntarem a idade. Não é agradável caminhar a esta hora da noite? Gosto de cheirar as coisas, de olhar para elas, e por vezes fico acordada a noite inteira, a andar por aí, e depois a ver o nascer do sol.

Continuaram a caminhar em silêncio.

— Sabe, não tenho medo nenhum de si — acabou ela por dizer, com um ar muito sério.

— Porque haveria ter medo de mim? — disse ele, surpreendido.

— Tantas pessoas têm medo de vocês. Dos bombeiros, quero dizer. Mas você é apenas um homem, ao fim e ao cabo...

Montag viu-se refletido com todos os detalhes nos olhos dela, até as linhas da sua boca, tudo, uma figurinha negra e minúscula suspensa naquelas duas enormes gotas brilhantes de água, como se os olhos dela fossem dois pedaços miraculosos de âmbar cor de violeta que pudessem aprisioná-lo e preservá-lo. O rosto dela, virado agora para o seu, parecia feito de um cristal leitoso e frágil, atraindo a si uma luz suave e constante. Não era a luz histórica da eletricidade. Que luz seria? Talvez a luz estranhamente reconfortante, rara e gentilmente lisonjeira de uma vela. Certa vez, quando era uma criança, durante uma falha de eletricidade, a sua mãe encontrara e acendera uma das últimas velas, e, durante uma muito breve hora, houvera uma sensação de redescoberta, de uma tal iluminação que o espaço perdera todas as suas vastas dimensões e os envolvera confortavelmente, e eles, mãe e filho, ali sozinhos, transformados, à espera que a eletricidade não voltasse tão cedo...

— Importa-se que lhe faça uma pergunta? — disse a rapariga. — Há quanto tempo é bombeiro?

— Desde os meus vinte anos. Há dez anos.

— Alguma vez *leu* os livros que queimou?

Ele riu-se.

— Isso é proibido!

— Ah, pois...

— É um bom trabalho. Na segunda-feira queimamos Millay, na quarta Whitman, na sexta Faulkner. Queimamo-los até só restarem cinzas, e depois queimamos as cinzas. É o nosso lema.

Caminharam mais um pouco.

— É verdade que, há muito tempo, os bombeiros *apagavam* fogos em vez de os atearem?

— Não. As casas foram sempre à prova de fogo, acredite.

— É estranho. Ouvi dizer uma vez que, há muito tempo, as casas costumavam arder por acidente, e que os bombeiros vinham *apagar* os incêndios.

Ele voltou a rir-se.

— Porque se ri? — perguntou ela, lançando-lhe um rápido olhar.

— Nem sei bem. — Recomeçou a rir e parou. — Porque rio?

— Ri-se quando eu não digo nada com piada e responde às minhas perguntas de rajada, quase sem pensar no que acabei de lhe perguntar.

Ele parou de andar.

— Você é mesmo estranha... — disse, olhando-a diretamente nos olhos. — Devia ter um pouco mais de respeito.

— Não disse isto por mal, nem quis insultá-lo. Acho que gosto demasiado de observar as pessoas, é só isso.

— E isto não significa nada para si? — perguntou Montag, batendo com o dedo no número 451 cosido na manga enegrecida do seu uniforme.

— Sim — sussurrou ela, antes de apressar o passo. — Costuma ver os carros a jato a fazerem corridas pela avenida abaixo, ali para aqueles lados?

— Está a mudar de assunto!

— Por vezes acho que os condutores não fazem ideia sequer do que seja a relva, ou as flores, porque nunca as veem devagar. Se mostrarmos a um deles uma imagem de algo verde e desfocado, eles dirão: “sim, isso é relva!” Se lhes mostrarmos algo cor-de-rosa e desfocado: “um roseiral!” Uma mancha azul desfocada serão casas, uma mancha castanha vacas. O meu tio conduziu devagar numa autoestrada, certa vez. Conduziu a menos de 70 km/hora e prenderam-no du-

rante dois dias. Não acha isso engraçado e triste, ao mesmo tempo?

— Você pensa em coisas a mais — disse Montag, pouco à vontade.

— Raramente perco tempo com os “ecrãs de salão” ou com as corridas nos Parques de Diversões. Se calhar é por isso que fico com imenso tempo para estes pensamentos malucos. Já viu os painéis com mais de sessenta metros de comprimento que puseram para além dos limites da cidade? Sabia que antigamente os painéis tinham só uns seis metros de comprimento? Mas os carros começaram a andar tão depressa que eles tiveram de esticar os painéis para que a publicidade funcionasse.

— Não sabia disso! — disse ele, sem conter o riso.

— Aposto que sei algo mais que você desconhece. De manhãzinha, a relva tem orvalho.

Montag apercebeu-se de repente que não se lembrava ao certo se sabia aquilo ou não, o que o deixou ligeiramente irritado.

— E se olhar bem — continuou ela, apontando para o céu — há um homem na lua.

Para a lua ele não olhava há já muito tempo.

Fizeram o resto do caminho em silêncio, o dela feito de pensamentos profundos, o dele tenso e desconfortável, entrecortado por olhares acusatórios na direção da rapariga. Quando chegaram a casa dela, todas as luzes estavam acesas.

— Que se passa?

Montag nunca tinha visto tantas luzes domésticas acesas.

— Oh, é só a minha mãe, o meu pai e o meu tio, sentados à conversa. É como ser um peão, mas mais raro. O meu tio foi preso noutra ocasião por crime de peonagem. Já lho tinha dito? Pois é, somos *muito* especiais...

— Mas ficam a *falar* de quê?

Ela riu-se.

— Boa noite! — disse, antes de começar a caminhar em direção à porta da casa. De repente, pareceu lembrar-se de algo e deu meia volta para olhar para ele, com uma expressão inquisitiva, curiosa.

— É feliz? — perguntou.

— Se sou *quê?* — gritou ele.

Mas ela já se tinha evaporado, depois de uma corrida à luz do luar. A sua porta de entrada bateu suavemente.

* * *

— *FELIZ? MAS QUE PARVOÍCE!...*

Parou de rir.

Enfiou a mão no orifício em forma de luva na sua porta de entrada e deixou que esta reconhecesse o seu toque. A porta abriu-se imediatamente.

“É claro que sou feliz. Mas que raio pensará ela? Que não sou?”, perguntou-se no silêncio da sua casa. Ficou ali parado, a olhar para a grelha do ventilador no corredor, e lembrou-se de repente que havia algo escondido por trás da grelha, algo que parecia estar a olhar para ele lá de cima. Desviou o olhar rapidamente.

Que encontro tão estranho numa noite tão estranha. Não se lembrava de ter passado por algo assim, à exceção de uma certa tarde, um ano antes, em que encontrara um velho no parque e em que *ambos* tinham acabado a falar...

Abanou a cabeça. Olhou para uma das paredes vazias. O rosto da rapariga ali estava, e era realmente muito belo, agora que a memória lho trazia de volta: notavelmente belo, na verdade. Ela tinha um rosto muito esguio, como o ponteiro

de um pequeno relógio apenas vislumbrado num quarto escuro a meio da noite, quando acordamos para ver as horas e vemos o relógio que nos diz a hora, o minuto e o segundo, com um silêncio branco e uma aura, a certeza absoluta e o conhecimento de que a noite trará outras escuridões, mas que se move também para a chegada de um novo sol.

— O quê? — perguntou ele a esse outro Montag, a esse idiota subconsciente que por vezes só dizia baboseiras, como se a vontade, o hábito e a consciência nada contassem.

Olhou de novo para a parede. Como o rosto dela se assemelhava também a um espelho! Impossível. Quantas pessoas conhecia ele que refletiam a nossa luz? Procurando por uma analogia, encontrou-a no seu trabalho: a maior parte das pessoas eram como tochas, ardendo até se apagarem. Que raro era que o rosto de alguém refletisse a nossa expressão e no-la mostrasse, expondo-nos aos nossos pensamentos mais profundos e vacilantes!

Que incrível poder de identificação aquela rapariga tinha. Ela era como a ansiosa espectadora de um teatro de marionetas, antecipando cada bater de pálpebras, cada gesto das mãos, cada articulação dos dedos, um momento antes de eles acontecerem. Quanto tempo tinham caminhado juntos? Três minutos? Cinco? Agora parecia ter sido muito mais. Que figura imensa a dela, no palco à sua frente, que imensa a sombra que ela projetava na parede com o seu corpo magro! Teve a impressão de que se sentisse uma ligeira comichão no olho, ela poderia pestanejar. E que se os músculos dos seus maxilares relaxassem um pouco, ela iria bocejar muito antes de que ele o fizesse.

Pensou, não sem espanto, que parecia mesmo que ela tinha estado à espera dele ali na rua, àquela hora tão tardia...

Abriu a porta do quarto.